

Memória de uma Tradição

Entrevistas com os congadeiros mineiros e imagens da África Central

Larissa Oliveira e Gabarra¹

Resumo: O trabalho pretende apresentar os resultados parciais da metodologia de pesquisa aplicada para a tese de doutorado. A metodologia utilizada é a de História Oral e análise iconográfica. A originalidade reside no fato de que os entrevistados ajudam a fazer parte da análise iconográfica. As imagens dizem respeito a uma pesquisa no Museu Real da África Central, a partir de identificação do conhecimento prévio das representações simbólicas principais do congado do sudoeste de Minas Gerais e o acervo etnográfico do Museu. Os congadeiros atuais da região são estimulados a recordarem-se das histórias dos seus antepassados a partir dessas imagens. Dessa forma, entrecruzam-se informações orais do congado no Brasil com imagens e textos etnográficos da África Central e, assim, constrói-se fragmentos da história da diáspora africana.

Palavras-chaves: memória, congado, África Central

Résumé: Ce texte présente les résultats partiels de la méthodologie de recherche utilisée pour ma thèse de doctorat en Histoire réalisée à la PUC de Rio de Janeiro. La méthodologie appliquée est celle de l' Histoire Orale et de l'analyse d'images. L'originalité de ce travail se base sur le fait que les témoins procèdent également à l'analyse de ces images. Les images sont les représentations symboliques principales du Congado du Sud- ouest de Minas Gerais qui ont été sauvegardées par le Musée Royal de l'Afrique Central et font partie d'une des collections. Les *congadeiros* sont encouragés à se rappeler des histoires de leurs grands-pères et de leurs grands-mères à partir du regard qu'ils portent sur ces images du Musée. A partir de cette méthode, on se retrouve au carrefour des mémoires orales, des images et des textes ethnographiques de l'Afrique Centrale, tout en construisant des fragments d'histoires de la diaspora africaine.

Mots-clés: mémoire, congado, Afrique Centrale

¹ Doutoranda no curso de pós-graduação de História Cultural da Puc-Ro desde 2005. Agência Financiadora CAPES desde agosto de 2006.

Apresentação

A investigação sobre a tradição do congado está associada a história da população afro-descendente que, de modo geral, foi negligenciada como sujeito histórico. Apesar de recentemente o tema ter tomado um grande impulso e hoje serem numerosas as pesquisas acadêmicas e teses, os registros anteriores sobre o ritual se restringem aos produzidos no universo administrativo da própria manifestação cultural no âmbito religioso ao qual estava ligada e aos estudos feitos por alguns intelectuais como Nina Rodrigues e folcloristas como Câmara Cascudo entre outros. Portanto, a grande fonte da pesquisa atual dessa história é a oral.

Se é verdade, que a desconfiança do historiador com a documentação oral está hoje superada, que esta linha metodológica está solidamente consolidada no Brasil e que o diálogo entre a história e a antropologia vem se aprofundando muito nas últimas décadas, o conhecimento da historiografia africana ainda é tema de um grupo significativo, mas restrito de especialistas que se dedicam a temas tais como o tráfico atlântico, a família escrava, a cultura negra, as festas populares, ou os movimentos negros. Por isso, ainda é possível identificar certo desconforto por parte de alguns historiadores em relação ao tema, que postula uma interação constante com outras áreas do conhecimento e uma especialização em estudos africanos que pressupõe o investimento acadêmico sobre a história da África, até bem pouco tempo muito pouco presente no meio acadêmico brasileiro.

A dinâmica do registro oral das tradições de matrizes africanas é muito rica em simbologias que explicitam fundamentos coletivos para a sociabilidade, ainda que, por ter como referência a memória coletiva opere com uma temporalidade que escapa à rigidez do tempo cronológico e dificulta a precisão de datações, sem, no entanto, deixar de ser relevante para o trabalho histórico. A utilização da documentação oral na investigação sobre a identidade do congado possibilita inferir significados sobre o passado da história da população africana e seus descendentes em Minas Gerais, sobre sua composição cultural, organização social e referências africanas.

Para ajudar nesse campo da investigação, onde as memórias atravessam o Atlântico e o cotidiano cria uma tradição, o estudo sobre África, principalmente antes dos

fins do século XIX se tornou de extrema importância. No contexto do congado, as experiências de reinos da África Central são as que melhor se aproximam das vivências no Brasil. A metodologia de pesquisa aqui apresentada conta com um material iconográfico sobre danças e objetos étnicos de alguns reinos, cidades e clãs da África Central produzido durante três meses de estágio no Museu Real da África Central em Tervuren na Bélgica em 2005.

Esse material foi recolhido no Museu baseado no estudo comparativo entre os símbolos do congado de Minas e os objetos e fotos de danças do acervo do Museu. Inicialmente escolheram-se aproximadamente 300 imagens. As fotos de danças foram digitalizadas e os objetos foram fotografados, além de uma minuciosa pesquisa na biblioteca central do Museu. A seleção dos objetos e fotos etnográficas para a coleta de material no Museu não se deu pelas fronteiras geográficas e política do Congo, que a primeira vista parece o recorte mais conveniente.

Pois, a Bélgica, ex-metrópole da atual República Democrática do Congo, coibiu a manutenção da autonomia dos reinos da África Central e reorientou uma divisão política territorial baseada nas suas conquistas e necessidades. Já antes da colonização, no período do tráfico negreiro, entendia-se por Congo uma faixa territorial litorânea, que continha o norte de Angola até Gana, o antigo reino do Congo. A escolha para a coleta de material foi feita através de quatro eixos emblemáticos do congado que facilmente foi encontrado no acervo do departamento de etnologia do Museu; são eles: influência católica, representação do poder real, adornos de cabeça e corporais, instrumentos musicais, além dos cajados ou bastões que podem ser classificados tanto como adorno corporal, como instrumentos musicais, como representação de poder. As fotografias etnográficas são na maioria de dança, no entanto o que elas representam está baseado nos mesmos eixos classificatórios. A escolha dos quatro temas foi feita somente a partir da constatação dos elementos simbólicos de maior visualização durante o ritual do congado em Minas. Assim, sendo encontrar uma enorme quantidade desses objetos no acervo do Museu por si só já representa uma identificação construída a partir da diáspora africana.

Assim, o congado é uma manifestação de cultura popular criada no âmbito da diáspora africana, em louvor de santos negros e homenagens a reis e rainhas Congo.

A congada é um motivo de festa, antigamente era “frevo”, ela tinha uma rainha; todas as aldeias retribuiu essa rainha, então de cada aldeia formou uma congada, assim, no significado de louvar essa rainha. Ai, depois os negros trazidos para Brasil, viveram no cativo então a gente não tinha quem reverenciar, a gente veio reverenciar N. S. do Rosário e São Benedito que, na época, era os devotos dos fazendeiros, que era a única imagem permitida ser usada nos quilombos, onde os negros viviam. (MATINADA, 2000)

Entende-se, através da fala de Ubiratã, que o congado significa reverenciar um reino, cuja organização social é baseada na interdependência de clãs africanos na sociedade escravocrata. Ainda, segundo o capitão Ubiratã, esse reinado é católico. Ou seja, o congado é uma forma de representar a convivência das diferentes etnias africanas reunidas pela dependência de um reino, através do louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Nesse sentido, a investigação histórica da identidade grupal passa pela formulação de uma unidade constituída por pessoas culturalmente diferentes. Então, *então de cada aldeia formou uma congada*, cada terno – grupo – de congada tem suas marcas de distinção, objetos representativos do coletivo que pertence. Os grupos são conhecidos como de Moçambiques, Catupes, Marinheiros, Marujos, Vilões e são independentes entre si e unidos pelo reinado do Congo e a Irmandade do Rosário e São Benedito. Assim, atualizam as diferenças africanas por meio das diversas tradições trazidas pelos escravos e ex-escravos para o sudoeste de Minas Gerais.

A flexibilidade que os elementos culturais têm para se adaptar às necessidades construídas na convivência é o que torna possível o estudo das relações intergrupais de diferentes origens africanas na sociedade congadeira escravocrata mineira. Na perspectiva de Fredrik Barth, *isso significa que a fronteira étnica – em sua acepção mais extensa – na verdade é livre dos constrangimentos territoriais, é algo ‘portátil’* (BARTH, 2000: 11). As distinções de categorias étnicas ou culturais independem da mobilidade das pessoas, implicam em incorporações e em sentimentos de pertencimento coletivo, que, ao longo da vida, mantém suas distinções culturais como espaços territoriais abstratos (BARTH, 2000:12). A necessidade da manutenção de elementos simbólicos de um grupo étnico em contato com uma nova circunstância geográfica, histórica, ou provocada pela introdução de um novo grupo na mesma localidade - ou ainda pela retirada de outro - impõe à população uma mobilidade de fronteiras territoriais visíveis através dos

comportamentos.

Dessa forma, são as interações entre as pessoas dos diferentes grupos que possibilitam a compreensão dos significados culturais que os distinguem. As relações evidenciam ou diluem as fronteiras culturais entre os grupos que nem sempre se agrupam por um ou outro elemento, tais como semelhança étnica, lingüística, religiosa, mas por situações históricas vivenciadas, que irão dar movimento aos arranjos desses elementos (BARTH, 2000: 21). Assim, a célula básica, que faz que indivíduos se reconheçam como membros de um grupo não é definida, necessariamente, a partir de um território ocupado ou de uma ascendência consangüínea, mas sim de uma etnia ou de uma cultura, a depender da complexidade e da intencionalidade das relações entre os membros.

As identidades culturais do congado consolidadas são provenientes de arranjos grupais constituídos na situação histórica de relação entre o Brasil e África e carregam em si e em suas expressões referências diversas destas regiões. Portanto, o congado vai além da identificação com o reino do Congo e com a influência católica. Assim, o cotidiano desses praticantes está intimamente ligado a uma lógica própria de viver, pensar e vestir.

São nos detalhes do cotidiano e do cenário da festa que se pode notar a presença intensiva dos preto-veios. Essas pessoas velhas são entidades, mais do que representar, elas próprias são os ancestrais dos afro-descendentes, antigos escravos que incorporam no corpo do praticante. Porém, a incorporação propriamente dita não precisa ocorrer durante o ritual do congado, o que é marcante no ritual são os símbolos que invocam ou homenageiam essas entidades.

São nessas entidades que dizem como, quando e onde devem ser feitos, preparados e apresentados os ornamentos e as vestes. Em última instância essas entidades estão ditando também o modo de agir dos praticantes diante da tradição. Elas são base para a manutenção da tradição. Assim, os congadeiros dramatizam seus passados e projetam seus futuros vivendo eles mesmo o que os ancestrais aconselharam para aquele momento.

Segundo Gilberto Velho, memória, identidade e projeto são orgânica e necessariamente articulados, se constituem em referências de tempos diferentes e co-existentes e assumem significados de valor equivalente na vida de indivíduos e

coletividades. A identidade de alguém ou de algum grupo responde e atualiza a memória e, de formas variadas, se projeta como futuro. *O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade* (VELHO, 1994: 100-101). Essa por sua vez só se articula num ambiente onde haja trocas, harmonias, conflitos, tensões de valores coletivos.

Ser um congadeiro, pois, exige uma qualificação cultural, cuja base é o envolvimento com a memória dos ancestrais do terno que participa. Os ternos, normalmente, originam-se de uma família consangüínea de descendência africana, que se torna o núcleo central de algo análogo a uma nação étnica, denominada de família ampliada.

As histórias de vida e as sagas familiares, além de permitirem o acesso às narrativas passadas de pais para filhos, ampliam a perspectiva de análise do pesquisador. O estudo de uma comunidade bem determinada não significa necessariamente um estreitamento do horizonte de trabalho do historiador. Escrever história a partir de ocorrências locais e comportamentos familiares pode ser um caminho para entender os processos que abragem a sociedade mais ampla através de quantidades e qualidades de inferências marcadas na carga das experiências de vida de cada um. Portanto, a metodologia da escrita da história a partir da micro-história também se remete aos grandes processos históricos (LEVI, 2000).

O olhar microscópico para a história do sudoeste de Minas Gerais, a partir dos costumes dos afro-descendentes consegue delinear configurações distintas nas relações entre escravos, igreja e proprietários que um olhar macroscópico para a sociedade mineira não consegue alcançar. Ou como prefere explicar Jacques Revel: *...mesmo que seu rastro seja recuperado por intermédio de uma poeira de acontecimentos minúsculos. [é dessa forma que] precisamente [delineia-se] uma outra configuração das relações entre o forte e o fraco* (REVEL, 1998: 31).

Nesse sentido, as entrevistas orais sobre as marcas de distinções entre si os grupos de congada são essenciais para que a partir da investigação do microcosmo do congadeiro consiga alcançar os horizontes da diáspora africana. Se aparentemente os documentos escritos não são fontes para a investigação, não são tão pouco complemento acessório. Na verdade, eles dividem o lugar de fontes primárias com os testemunhos e também com os

materiais iconográficos. Se bem que em verdade, a pesquisa inicialmente seguiu os rumos que os depoimentos apontavam.

Através dos métodos e técnicas de História Oral (VANSINE, 1968 e PORTELLI, 1981) e Antropologia Visual (GURAN, 2000) foi possível desenvolver um trabalho de campo que teve início nas cidades de Ituiutaba, Serra do Salitre, Monte Alegre, Romaria, Araguari e que cresceu na convivência diária com os congadeiros da cidade de Uberlândia desde o ano 2000. Essas experiências resultaram além dos trabalhos de especialização e mestrado em um universo de confiança com os congadeiros que permitiu incrementar a metodologia no ano de 2008.

Assim, nesse momento, a primeira função das entrevistas orais é a indagação sobre a trajetória de algumas famílias representativas do ritual em Uberlândia. De onde vieram, quem eram os pais e os avós a onde nasceram, qual era o envolvimento deles com o congado, a que grupo de congado pertenciam. As respostas dadas a essas questões, além de fornecer informações sobre as linhagens e as tradições de cada família, fornecem indicações para a procura da documentação escrita. São nas cidades por eles mencionadas que se procura vestígios de seus antepassados nos documentos de cúria e paróquias: livros de batismo, de matrimônio e óbitos, compromissos, atas, livros de receitas e despensas sobre as Irmandades do Rosário.

Já a segunda etapa da investigação concentra-se na investigação dos traços culturais, marcas de distinções encontradas no cotidiano do congado, a partir das lembranças que as imagens de objetos e danças etnográficas do Museu despertam. Portanto, os entrevistados, oriundos daquelas cidades, respondem a questões sobre as histórias dos objetos que têm importância simbólica para o ritual do congado ou que tenha uma função prática ou espiritual. Aqueles mesmos temas que foram identificados como visíveis no ritual, reencontrados no Museu são, não coincidentemente, indicados por eles.

Desta maneira, as entrevistas permitem aguçar o olhar nas observações presenciais da festa do congado, onde é possível visualizar, como numa tela a óleo, as representações culturais que eles confirmam como relíquias. Os atributos da festa fazem parte de uma memória constituída e composta coreo e cenograficamente a partir das relíquias. Como explica Lowenthal, os objetos, à primeira vista, estáticos e mudos. É o indivíduo que lhes

confere voz, autenticidade histórica, mutabilidade (LOWENTHAL, 1986:243). Mostrar as fotografias dos mesmos tipos de objetos utilizados no congado por outros grupos da África Central e danças em que esses objetos aparecem desperta recordações e desinibi testemunhos de forma que o pesquisador ganha uma referência a mais para facilitar o encontro com o seu objeto-sujeito de pesquisa. Nesse momento a memória é reeditada e inserida no presente, no coletivo. Assim, a memória é mais uma prática do que uma cognição.

Portanto, a história oral no desenvolvimento da tese é aproveitada de mais de uma forma. Mas o que marca a metodologia dessa pesquisa é o entrosamento entre pesquisador e objeto-sujeito. As entrevistas são verdadeiros encontros de produção de conhecimento. Os diálogos são ricos e a convivência, de longa data permite relativizar valores pré-estabelecidos. No momento das entrevistas, o congadeiro é retro-alimentado pelo material iconográfico do pesquisador, suas memórias se associam a este material e essas memórias se relacionam assim com as tradições dos pais, avós e bisavós. Por outro lado, seus testemunhos de vida, saga familiares, dramas da migração retro-alimentam o pesquisador para seu trabalho nos arquivos eclesiásticos.

São as histórias dos seus antepassados trazidas pelos documentos escritos que fortalece as justificativas para o ritual presente nos testemunhos sobre suas relíquias. São essas histórias que tornam os objetos oriundos do Museu relíquias, pois ficam impregnados de memória. Por isso, verificam-se muitas camadas de cor, que sintetizam os elementos históricos num só momento. As cores das relíquias, desfragmentadas, podem ser interpretadas como inferências de várias manifestações culturais, de formações culturais em tempos diferentes.

Enfim, a investigação da História do congado no sudoeste de Minas Gerais, pretende ser feita com um olhar que privilegie o território da memória e sua relação com a história, território esse no qual passado, presente e futuro não obedecem necessariamente às leis do tempo cronológico, onde o futuro está contido no passado (KOSELLECK, 1993:6) e onde identidade e projeto aprofundam suas raízes.

Bibliografia

BARTH, Fredrick. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de

- Janeiro: Contra-Capa, 2000.
- GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. In: **Cadernos de Antropologia & Imagem** Rio de Janeiro: Ed.UERJ 10(1): 155-165, 2000.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Para una semántica de los tiempos históricos. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LOWENTHAL, David. How we Know the Past. In: _____. **The Past is a Foreign Country**. New York: Cambridge University Press, 1986. p.243.
- MATINADA, Ubiratã. Entrevista Campanha do Catupé do Martins, concedida a Larissa Oliveira e Gabarra. Uberlândia/MG, set.2000.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como experimento em igualdade. **Projeto História**. São Paulo: Edusp, n.14, 1981.
- REVEL, Jacques (org.) **Jogos de Escalas**: a experiência da Micro Análise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.p.31
- VANSINE, Jan. **La tradicion Oral**. Barcelona – ES: Nueva Colecion Labor, 1968.
- VELHO, Gilberto. Memória, Identidade e Projeto. In: **Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.